

Estado da publicação: Não informado pelo autor submissor

ANÁLISE DO DISCURSO DO ESTRESSE NA PÓS-MODERNIDADE: A PRECARIIDADE DO TRABALHO, CULTO A PERFORMANCE, PRODUÇÃO E CONSUMO

João Paulo Nogueira da Silva, Flávia Cristina Silveira Lemos

<https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.13098>

Submetido em: 2025-08-27

Postado em: 2025-09-01 (versão 1)

(AAAA-MM-DD)

ANÁLISE DO DISCURSO DO ESTRESSE NA PÓS-MODERNIDADE: A PRECARIIDADE DO TRABALHO, CULTO A PERFORMANCE, PRODUÇÃO E CONSUMO

Discourse Analysis of Stress in Postmodernity: The Precariousness of Labor, the Cult of Performance, and Production and Consumption

João Paulo Nogueira da Silva

Universidade Federal do Pará

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4446-5021>

Flávia Cristina Silveira Lemos

Universidade Federal do Pará

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4951-4435>

Resumo

Propõe-se investigar como o discurso sobre estresse na pós-modernidade naturaliza fatores que justificam a precarização do trabalho, o culto à performance e a captura do tempo de vida para produção e consumo. O objetivo principal é compreender como se constrói o discurso sobre o conceito de estresse na pós-modernidade na relação com o trabalho, na captura do tempo de vida a produção e ao consumo. Utilizar-se-á como método a Análise do Discurso estruturado a partir da arqueologia e genealogia de Foucault e a sistematização deste método por Orlandi. Opta-se por esse método em função de ser adequado a compreensão dos inúmeros acontecimentos discursivos, que ao serem analisados em unidade permitem se alcançar o espaço do discurso. Espera-se, como resultado, a descrição de que o estresse na pós-modernidade estar intrinsecamente relacionado ao processo de precarização do trabalho, que foi redirecionado a vida da produção e do consumo como a via mais desejada de existência na pós-modernidade: “nós só somos, se nós consumirmos”. Essa lógica de existência proporcionou a mudança da sociedade moderna da disciplina à sociedade pós-moderna do desempenho do autopanóptico, com o estresse a ser um dos indicadores desenvolvimento.

Palavras-chave: Análise do Discurso; Estresse; Pós-Modernidade; Trabalho; Performance; Consumo.

Abstract

It is proposed to investigate how the discourse on stress in postmodernity naturalizes factors that justify the precarization of labor, the cult of performance, and the capture of lifetime for production and consumption. The main objective is to understand how the discourse on the concept of stress in postmodernity is constructed in relation to work, the capture of lifetime for production and consumption. The method to be used is Discourse Analysis structured from Foucault's archaeology and genealogy, and the systematization of this method by Orlandi. This method is chosen because it is suitable for understanding the numerous discursive events, which, when analyzed as a unit, allow for reaching the space of discourse. As a result, it is expected to describe how stress in postmodernity is intrinsically related to the process of labor precarization, which has redirected life towards production and consumption as the most desired way of existence in postmodernity: "we only exist if we consume." This logic of existence has led to the shift from the modern disciplinary society to the postmodern society of performance and the autopanoptic, with stress being one of the indicators of development.

Keywords: Discourse Analysis; Stress; Post-Modernity; Work; Performance; Consumption.

Caracterização do Objeto de Pesquisa

Todo conceito em qualquer campo de estudo tem seu processo de construção e afirmação de saber, que irá se constituir a partir de determinado contexto sócio-histórico. A Análise do Discurso ao fazer o recorte da realidade de um conceito nos permite compreender como ocorre o seu processo de historicidade constitutiva. Foucault (1969/2008) descreve que a história de um conceito é a de seus diversos campos de constituição e de validade, suas regras sucessivas de uso, seus meios teóricos em que foi realizada e concluída sua elaboração, em detrimento do seu refinamento progressivo, racionalidade continuamente crescente e seu nível de abstração.

Sabe-se que a Análise do Discurso surge na França por volta 1960 com Pêcheux (1983/2008), com o objetivo de buscar fatores extralinguístico do discurso que auxiliem na compreensão de sua constituição, como a opacidade significativa, texto, prática discursiva, condição de produção, formação imaginária, formação ideológica, formação discursiva, interdiscursividade, intradiscursividade, esquecimento ideológico, esquecimento enunciativo, ideologias, polissemia, paráfrase assujeitamento ideológico. Todos esses elementos reforçam que o conceito não se reduz a semântica, sintaxe e gramática, e com isso, alcança o nível do discurso.

A opacidade significativa é a possibilidade do sentido de o texto poder se deslocar ou se resignificar conforme a época socioideológica que se perpetua no momento da sua prática discursiva (Pêcheux, 1983/2008). O conjunto base da opacidade significativa é o sujeito, língua e história/discurso imersos em uma ideologia¹ específica que imprime o seu sentido. Bakhtin (1979/1997), recorre-se a teoria do discurso para informar que a o conceito de discurso é o efeito de sentido que ocorre entre seus interlocutores. Ao articularmos essa definição a perspectiva da arqueologia e genealogia de Foucault (1979/2001), consegue-se minimamente identificar os sujeitos que se comunicaram para estabelecer um saber-poder sobre determinado conceito, científico, religioso ou de senso comum, como o de estresse. Nessa dinâmica, conceito e saber podem ser considerados como equivalentes, para se referir a uma opção de verdade na realidade analisada arqueologicamente, ou seja, os regimes de verdade que sustentam os discursos, e vice-versa.

Na arqueologia, o discurso é compreendido pelo molde de sua regularidade, que possibilita determinado conhecimento se apresentar como verdadeiro em determinado período. Dessa forma, o discurso é analisado por meio do exame do saber, pois para Foucault (1979/2001), este é formado por prática discursiva específica, que pode ser influenciada pelo conhecimento que ela gera. Já a genealogia é o empreendimento foucaultiano de libertação da invisibilidade de saberes históricos, que se tornam invisíveis à medida que os pressupostos da modernidade – discurso teórico, unidade, formalismo e cientificidade – se constituíram cada vez mais coercitivos aos demais saberes, o que possibilita a hierarquização científica do conhecimento. A genealogia na Análise do Discurso torna possível captar a dimensão política do discurso, ao revelar e gerar poder (Foucault, 1979/2001). O discurso atua como meio de poder quando viabiliza seu exercício e se torna seu resultado quando é gerado por ele.

¹ É entendida como o posicionamento do sujeito quando se filia a um discurso, é o processo de constituição do imaginário que está no inconsciente, ou seja, o sistema de ideias que constitui a representação (Caregnato & Mutti, 2006).

A partir desse entrelaçamento da arqueologia e a genealogia enquanto instrumento de investigação da Análise do Discurso, torna-se evidente as diferenças entre texto propriamente dito e o discurso. O texto estar sempre remetido a manifestação da língua, por meio de sua sintaxe (o modo como as palavras se relacionam e se organizam em frases e orações a transmitir informação), sua semântica (significado das palavras, expressões e frases) e sua gramática (com estudo das relações que as palavras estabelecem dentro das orações, com o sujeito, verbo, e sua concordância) (Pêcheux, 1983/2008). Já o discurso é definido pelas redes articuladas de princípios, valores e significados constitutivos dos textos, pois o sentido não estar na palavra em si, mas na sua exterioridade e historicidade, operacionalizada pela prática discursiva (Pêcheux, 1983/2008). Logo, é na execução do discurso que se estabelece as relações de poderes que irão definir que tipo de saber/conceito se quer desqualificar por ausência de cientificidade (ou outro indicador de verdade) e que sujeito do discurso quer se minorizar por não ser um cientista (ou outra característica fundante da ideologia).

Na perspectiva foucaultiana tem-se o pressuposto de que nas sociedades humanas, a produção dos discursos está permeada por procedimentos de seleção e controle que o limitam, dominam suas aparições aleatórias e selecionam modos de ser sujeito que podem pronunciá-lo em vertentes específicas (Foucault, 1971/1996). Assim, é possível pensar o discurso como acontecimento possível de compreensão de seus efeitos, somados a possibilidade de identificação das condições de sua emergência, com todo o seu regime de verdade que o sustenta.

Compreende-se que na perspectiva foucaultiana a “verdade” não estar localizada em algo em si, em um objeto ou sujeito, mas construída na relação de poder. Constituição e efetivação a partir dos jogos de poder (político, médico, econômico, social e jurídico), que condicionam as práticas discursivas. O discurso é um dos níveis de sentido da totalidade da realidade, que possibilita a análise do contexto histórico e texto que o produziram. A Análise do Discurso ao se utilizar da linguística de Saussure (1916/2006), marxismo de Althusser (1965/2015; 1970/1980; Bolognesi, 2013) e a própria psicanálise lacaniana (Pêcheux, 1983/2008), permite que por meio dela se consiga verticalizar a compreensão dos fatores constitutivos dos discursos que se perpetuaram ao longo da história sobre determinado saber, como o estresse na sua passagem pela perspectiva da resposta, estímulo e cognitiva.

Na perspectiva de Orlandi (2005) o discurso é a palavra em movimento, é o homem a falar em seu tempo sócio-histórico, e parte-se do pressuposto de que não há neutralidade na linguagem, pois ela não só informa, mas transmite informações a serem interpretadas sócio-histórica e materialmente à medida que se elimina a transparência do que transmite e se dar lugar a opacidade significativa, e desse modo constrói-se a prática discursiva. A Análise do Discurso permite evidenciar a condição de produção (Orlandi, 2005) do discurso, que é o contexto em que as formações discursivas se realizam no contexto restrito (o aqui e agora do saber) e contexto amplo (sócio-histórico, material e ideologicamente determinado do saber). Essas condições de produção só são possíveis a partir dos processos formativos imaginários, ideológicos e discursivos.

A formação imaginária, é a relação de poder a partir do posicionamento que o sujeito ocupa ou põe-se em relação aos outros para dizer qual é sua função dentro do contexto sócio-histórico (Orlandi, 2005). Cada posição ocupada traz alterações na relação de poder com o outro interlocutor em todas as dimensões do discurso. A formação ideológica, é tudo o que perpassa

no inconsciente, e produz significado para e do sujeito, que são subjetividades históricas e continuamente atualizadas, materializada naquilo que o sujeito pode e deve dizer ou que não pode e não deve dizer pelo contexto (Orlandi, 2005).

A formação discursiva, lugar de articulação entre língua e discurso (Orlandi, 2005). Na perspectiva foucaultiana a preocupação/investigação é conhecer o que torna este ou aquele discurso possível, ou seja, porque determinados discursos são aceitos como verdadeiros e não outros em seu lugar. Até mesmo nem precisam ser aceitos como verdadeiro, mas como discursos possíveis de existência social e científica. A análise de investigação não é com o discurso, enquanto expressão da ideia ou de linguagem, mas enquanto suas condições de possibilidade de existência, denominada condições da “formação discursiva”. Esta possibilita a interdiscursividade (Orlandi, 2005), que é a relação que o texto faz ao outro, pois sempre um texto estar a dizer algo que já se diz ou se disse, mas agora dito de forma complementar prospectiva ou dicotômica/antagônica. É diferente de intertextualidade, pois um texto não cita o outro, mas tem-se uma relação de memória discursiva.

Na análise foucaultiana a intertextualidade, retrata as continuidades irrefletidas por uma cronologia infinita da origem do discurso, que não garante a compreensão da constituição do discurso. É claro o posicionamento do analista do discurso que é preciso tratá-lo no jogo de sua instância (Foucault, 1969/2008), com a premissa de que é necessário estar pronto para acolher cada momento seu em sua irrupção de acontecimentos de sua aparição e dispersão temporal que “lhe permite ser repetido, sabido, esquecido, transformado, apagado até nos menores traços, escondido bem longe de todos os olhares, na poeira dos livros” (Foucault, 1969/2008). Isso configuraria a função da interdiscursividade operacionalizada.

Decorrente da interdiscursividade, tem-se a intradiscursividade (Orlandi, 2005), que é o fio condutor do discurso. Isto é, o que está a ser discutido no momento presente da prática discursiva. Essas duas relações de discursos se operacionalizam por meio do esquecimento ideológico (Orlandi, 2005), que é o esquecimento inconsciente, pois esse dizer já foi dito, mas o sujeito não se lembra. Tem-se a sensação de que ele é a origem do que diz em seu discurso. E isso se operacionaliza por via do esquecimento enunciativo, que é escolha de se falar algo, e automaticamente optar-se por não falar outro algo, baseadas nas ideologias do sujeito falante (Orlandi, 2005). Essas modalidades de esquecimentos dá a oportunidade de mudança no discurso, pois atinge os processos formativos da subjetividade consciente, onde se alocam e deslocam-se ideologias diversas, o que pode fazer mudar a posição de sujeito.

Ainda como elemento importante da Análise do Discurso tem a Paráfrase, que é responsável pela produtividade da língua, por meio da reprodução variada dela. Possibilita os efeitos dos sentidos com previsibilidade, retomada do sentido, manutenção do dizer no espaço da memória discursiva. Simultaneamente tem-se a polissemia, que cumpre a função de criatividade discursiva, ressignifica ou desloca significados, no contexto amplo ou restrito do discurso (Orlandi, 2005). Ideologias têm a função necessária de ligação da linguagem ao mundo do discurso, onde se refletem e refratam-se, o que faz funcionar o efeito imaginário de um saber sobre o outro. O assujeitamento ideológico, é a submissão do sujeito a linguagem. Marca a dualidade do sujeito ser livre e submisso ao mesmo tempo, pois ele pode dizer tudo, mas precisa se submeter a linguagem para fazer o “dizer”. A linguagem para funcionar precisa da ideologia, ela determina o que pode ou não ser dito e a forma do dizer (Orlandi, 2005).

Ao utilizarmos todos esses instrumentos da Análise do Discurso e aplicarmos na investigação do processo de construções do conceito de estresse, constrói-se a tese de que o discurso sobre o conceito de estresse na pós-modernidade serve a naturalização de estressores adoecedores das pessoas, para justificar a precarização do trabalho, o culto à performance e a captura do tempo de vida para produção e consumo. À medida que se difunde que o processo de estresse é comum a existência humana, se constitui o saber sobre ele de ser o elemento intrínseco, quase que indispensável, às atividades humanas cotidianas, como o trabalho desde a sua modalidade intelectual à braçal. O sistema liberal toma para si essa dinâmica de saber sobre o conceito de estresse e ao mesmo tempo o subsidia para se perpetuar no tempo e no espaço, para que chegue em todas as dimensões das estruturas sociais de funcionamento da sociedade, como o judiciário, legislativo e executivo do Estado, que são os denominados Aparelhos Ideológicos de Estado – AIE – (Althusser, 1970/1980).

Esses três AIE são fundamentais na sistematização de precarização do trabalho, à medida que controlam os denominados processos legislativos – meio pelo qual se cria leis – que positivam legislações trabalhistas que exploram ao máximo a força produtiva, sob a égide do saber que atesta que esta mesma é capaz de suportar essa exploração por deter estratégias de *coping* (enfretamento), que resguarda a sua dignidade humana. Isso se agrava ao passo que inserimos o conceito de condição pós-moderna de Lyotard (1979/2009), de incredulidade a metanarrativas, que explicavam passado, presente e futuro da humanidade, e passam a ser tópicos (só tem valor ao indivíduo e seu grupo) e tem-se a ascensão do conhecimento como força econômica dominante. Quem detém o monopólio do discurso do saber sobre o conceito de estresse, “pode” ditar a suas pretensões atemporais e universalizantes de dominação econômica, pois discursos instituem realidades e regimes de verdades (Foucault, 1969/2008). Essa dinâmica vai ser a lógica cultural do capitalismo tardio, didaticamente situado entre 1945 até o início dos anos 1970.

Esse período da existência humana não permite ficar parado, tem-se que estar sempre em movimento, ocupado, caso contrário perde-se valor socioeconômico, que é essencial para se viver em sociedade, e sem ele criam-se páreas, os sujeitos que não criam e não possuem condições de consumir. O saber sobre o estresse, postula que não se deve parar de performar na atividade que se desenvolve, pois ele existe como indicador de que se está a operar o funcionamento humano ao máximo de desempenho, a partir da otimização dos seus processos de *coping*, que definimos como a culto a performance. O tempo do viver é capturado pelo modo de produção do capital que determina a regra fundamental: é necessário produzir algo útil ao mercado de consumo de outros sujeitos e de si próprio, pois um dos principais elementos de *coping* da precariedade do trabalho é o ato de consumir. Consumir está diretamente relacionado à autopercepção de existência, pois eu sou se eu consumir. Não consumir é o indicador de frustração, que em recorrência pode se tornar estressor em função da possibilidade da pessoa se tornar uma párea a sociedade do consumo, o que Bauman (1997/1998) denominou mal-estar na pós-modernidade.

Consumir possibilita a validação do sujeito na pós-modernidade face ao seu poder econômico, que é subsidiado pelo culto à performance no trabalho precário. Passa-se a se customizar o estresse ao interesse do sujeito do consumo, pois passam a ser grandezas inversamente proporcionais: quanto mais se consome/compra-se, menos se estressa, e consequentemente mais se percebe a necessidade de manutenção da existência e funcionalidade

do sistema de precarização do trabalho por meio do saber sobre o estresse na pós-modernidade. É necessário fazer o percurso genealógico para compreender a mudança de saber predominante sobre o conceito de estresse ao longo de suas principais vertentes, e seu emprego funcional a lógica cultural do capitalismo global e tardio pelas áreas de conhecimento em geral.

O estresse se destaca entre os conceitos mais ressaltados ao se abordar a adaptação dos indivíduos às dificuldades humanas em suas diversas dimensões. Este aspecto do estresse se dá em função dele ser compreendido como constructo interdisciplinar e fenômeno biopsicossocial, por ter a incidência neurofisiológico, comportamental e psíquica na sua ocorrência, por meio da percepção de mudanças reais ou imaginárias com potencial de afetar a funcionalidade do sujeito (Santos, 2010). Contudo, há o processo histórico que conduziu/conduz o conceito de estresse ao seu *status quo* anteriormente descrito, e na perspectiva foucaultiana a conceitualização do estresse pode servir a diversos interesses estatais, científicos e de mercado capitalista a depender das vantagens que se tem com sua utilização conceitual, para justificar a ação desses.

Em rápida historicidade da etimologia e semântica do termo estresse, percebemos que há aspectos de polissemia, com sua função criativa de ressignificar o significado do estresse, o conteúdo semântico, ou seja, essa imagem psíquica que se tem na memória sobre ele. Como há também aspectos da opacidade significativa, quando continuamente se desloca o sentido do estresse, proposição que ocupa, conforme a época socioideológica da prática discursiva. A palavra *stress*, do inglês, dá origem ao termo estresse em português, que significa o “conjunto de reações do organismo a agressões de origem diversas, capazes de lhe perturbar o equilíbrio” (Ferreira, 2009). Já *stress* vem do latim *stringere* e tem como significado “espremer” (Sutherland & Cooper, 2006), típica polissemia. A opacidade significativa se opera à medida que o termo *stress* estar presente no vocabulário anglo-saxônico desde o século XVII para descrever adversidade ou aflição, no século XVIII passa a significar a pressão no corpo humano e, por fim, no século XX ganha a conotação científica de processo biopsicossocial, ou seja, diversidades de posições ocupadas pelo conceito.

O conceito de estresse passou por diversos momentos de sistematizações e processos de discursividades, com destaque a perspectiva baseada na resposta – o interesse na sua repercussão biológica – no estímulo – análise dos eventos psicossociais e sociais que deflagram as respostas neurofisiológicas – e a cognitiva – relação particular entre o indivíduo e o meio (Faro & Pereira, 2013). Os estudos de Selye (1965/1956) despontam na perspectiva da resposta, ao defini-lo como Síndrome de Adaptação Geral (SAG), a qual descreve a resposta natural de defesa do organismo a situações adversas. Entre os séculos XIX e XX, o estresse assumiu a noção de ser o objeto ligado à relação entre a exposição a dado elemento e a capacidade de resistir à ação do mesmo (Machado, 2020). Buscou-se interpretar sinais biológicos que indicassem que o corpo estaria a operar fora de seu padrão normal segundo a lógica biomédica de normalidade e adoecimento.

Essa discursividade do estresse, fundamentada na resposta, evidencia que o organismo possui, como meio de defesa, um padrão básico de reações orgânicas inespecíficas frente a circunstâncias que perturbam seu estado de homeostase (Selye, 1965/1956). Ressalta-se quatro aspectos: a inespecificidade da resposta, a existência do complexo estereotipado de reações fisiológicas, o excessivo consumo de energia adaptativa e o surgimento das doenças adaptativas (Faro & Pereira, 2013). Por inespecificidade, entende-se o sistema inato de defesa ativado diante de qualquer elemento biológico, psicológico ou social desestabilizador, a SAG. Ela segue

três fases: alarme, é a resposta inicial de luta-fuga; a resistência, que mobiliza a capacidade do organismo suportar a ação do estressor em curto espaço de tempo; e a exaustão, os recursos adaptativos da resistência cessam em virtude do desgaste por superativação ou falência de funções orgânicas (Selye, 1965/1956).

A finitude da energia adaptativa requer a minimização do desgaste para reposição parcial ou total, e o excesso de ativação dos sistemas orgânicos envolvidos na defesa do organismo tende a acumular consequências negativas, isso ocasiona perdas funcionais dos sistemas mobilizados durante o processo do estresse (Selye, 1965/1956). Há clara opção de Selye (1965/1956) de designar a causa do estresse ao indivíduo, como o sujeito que tem sua capacidade adaptativa superada e que sucumbe a vulnerabilidade nata do organismo frente ao estressor, o que passou a denominar inadequações de reação e que geram doenças adaptativas. Ver-se operacionalizado o esquecimento enunciativo, ao optar-se em enunciar o sujeito e sua inaptidão como causa do adoecimento pelo estresse, e automaticamente opta-se por não falar sobre as demais dinâmicas que podem levar ao adoecer frente ao estresse, como os estressores crônicos. Nessa provisoriedade do discurso, que se estabeleceu e estabilizou a primeira sistematização sobre o estresse, o sujeito como único responsável pela sua incapacidade de resposta adequadas.

Os resultados da pesquisa de estresse com ênfase na resposta tiveram clara influência da área de formação de Selye (1965/1956), a endocrinologia. Essa influência sedimentou o estudo do estresse a reação biológica para determinar a origem e a intensidade da repercussão (Ursin & Ericksen, 2010), que passa a ser a investigação do estado de estresse e de como o organismo reage a ele, restrito a comprovação de consequências. Faro & Pereira (2013) evidenciam que de fato há o aspecto biológico, mas que também o estresse é fenômeno inerente às dinâmicas psicológica e sociais humanas. Anteriormente Lazarus & Folkman (1984) já evidenciaram que se tem de levar em consideração o papel interacional de componentes psicológicos e sociais (emoções e cognição) no estresse enquanto processo.

Ao analisarmos o contexto histórico e social da época em que Selye (1965/1956) desenvolveu sua teoria, nas décadas de 1930 e 1940, século XX, vê-se que foi marcado por grandes mudanças políticas e sociais, que inclui o período entre guerras, pós-guerra e a crise de 1929, a “Grande Depressão”, com sua recessão econômica no capitalismo, o que pode ter influenciado a percepção da importância do estresse vinculado aos processos orgânicos, em função do boom que a ideologia cientificista das ciências biológicas assumiram em decorrência dos avanços tecnológicos que a 1ª e 2ª guerras proporcionaram. Há a formação ideológica na subjetividade, à medida que esse processo histórico perpassa os processos inconscientes e produziu significados a Selye (1965/1956). Contudo, não quer dizer que não estejam presentes aspectos do não dito, como a ascensão das ciências sociais na análise dos determinantes e condicionantes sociopolíticos que degradaram a condição humana, e repercutem na formação do estresse, apenas optou-se por elas não serem o núcleo de saber dos discursos dos sujeitos que constituem o regime de verdade.

Em busca de superar as limitações da teoria baseada na resposta, surgiu no final do século XX a segunda linha explicativa do estresse, a baseada no estímulo, a qual buscou explicar o poder diferencial dos eventos externos na evocação das reações de estresse (Faro & Pereira, 2013). Há aqui a formação imaginária do discurso, pois os sujeitos operadores das ciências passam a posicionar-se de forma diferente na compreensão do estresse, com o primeiro

deslocamento da análise ao ambiente externo como elemento fundamental no processo estressor. A formação imaginária opera esse deslocamento da construção de um saber a outro, por meio do contexto sócio-histórico, assim o discurso constrói a nova realidade sobre o estresse. Fica evidente que a posição que o sujeito do estresse ocupa em relação ao falante do discurso do estresse é modificada, a relação de poder se altera, pois agora há outro sujeito causador do estresse, o ambiente e a intensidade de seus estímulos, a inaptidão da resposta deixa de ser hegemônica como causa do estresse.

Na teoria baseada no estímulo cada estressor apresenta especificidades que denotam demandas próprias sobre a capacidade adaptativa do indivíduo, conseqüentemente, produzem respostas diferenciadas (Thoits, 1981). A intensidade da reação fisiológica estaria correlacionada as características do estressor, e não somente a vulnerabilidade e a inadequação da resposta do sujeito estressado. Holmes e Rahe (1967) constroem as medidas para os Eventos Vitais Estressores (*Stressful Life Events – EVE*) que são situações críticas que podem ocorrer na vida de qualquer indivíduo e, elas, sempre requerem quantidades de esforços adaptativos específicos para cada tipo de evento. Tem-se questões de maior potencial estressor: descoberta de doença grave, casamento e nascimento de filho. E situações de menor potencial estressor: perda de objetos e mudança habituais. Percebeu-se que as primeiras podem levar ao adoecimento de forma isolada, e as segundas atuam predominantemente em conjunto, de modo a extenuar a capacidade adaptativa, e chegam a equiparar-se ao poder deletério das situações mais graves.

Há o deslocamento da compreensão do saber sobre o estresse, em que a necessidade de empregar esforços para lidar com o evento estressor é o que evidencia o poder deletério do EVE (Holmes & Rahe, 1967;). Houve o esquecimento ideológico em relação a ideia de que o significado atribuído e repercussão socioemocional do evento que determinava o seu caráter estressor. Constrói-se uma nova ordem nos estudos de estresse que permite a Holmes e Rahe (1967) desenvolverem a Escala de Reajustamento Social (*Social Readjustment Rating Escala – SRRE*), atualizada por Wallace et al. (2023), que apresenta 43 de situações mais comuns eliciadoras de estresse, e ao se identificar suas ocorrências é possível predizer o diagnóstico de estresse e a vulnerabilidade da pessoa face a exposição ao EVE. É notório que a discursividade de Holmes e Rahe (1967) opta por deslocar o foco do estresse do indivíduo para o estressor, mas a ênfase no campo do funcionamento biológico se mantém, o que é evidência de processos de historicidade.

A principal crítica do estressor como foco, é que se deixa em condição periférica no EVE as diferenças individuais do sujeito e as variáveis que modificam o impacto dos estressores (DeLonguis et al., 1988; Lazarus, 1993; Segerstrom & Smith, 2019). Holmes e Rahe focalizaram em eventos com grande repercussão – macro estressores – e em geral desprezaram estressores comuns – micro estressores). Sabe-se que macro estressores tem impacto generalizado, baixa frequência, e restrição a ocorrência de eventos graves, como uma guerra (Lazarus, 1993), enquanto micro estressores, como aborrecimento cotidiano, têm maior correlação com estados de adoecimento mais comuns (Lazarus & Folkman, 1984; McEwen, 2008). Essa discursividade desconsidera a existência de mecanismos adaptativos que potencializam e inibem a intensidade estressógena (Segerstrom & Smith, 2019), que indiferenciam o limite de ocorrência do estresse da mera reação do organismo dentro dos padrões usuais. No momento da produção de Holmes e Rahe (1967) já se concebia a

possibilidade de estressores comuns, sem grandes repercussões específicas, serem poderosos estressores cômicos, mas esse saber pouco interessou os AIE, que detém em última instância a narrativa do discurso, uma vez que poderia alterar relações basilares do Estado com o mundo do trabalho.

A relação de saber, regime de verdade, que a perspectiva baseada no estímulo e na resposta estabeleceram com o estresse careciam de ampliação à medida que se expandia os estudos na área, que em muito ultrapassaram a universalidade dos estressores e o automatismo global da resposta, e passava a alcançar a variabilidade adaptativa do ser humano a partir das diferenças biopsicossocial. A percepção do mundo e a significação subjetiva são os estressores mais comuns aos indivíduos em geral, a avaliação cognitiva desempenhava o papel fundamental da determinação do estresse (Cooper & Dewe, 2007; Lazarus, 2006; Segerstrom & Smith, 2019). Diferenças individuais tornam-se o âmbito de estudo de estresse, pois na exposição a estressores similares, indivíduos tem diferentes respostas, e ao sofrerem a ação de estressores de diferentes categorias, tem-se repercussões de similar intensidade.

Constrói-se a denominada perspectiva cognitiva, a qual postula que o estresse é fenômeno interativo entre o sujeito e o ambiente sem causalidade direta entre estímulo e resposta fechados em si, e é permeado por processos internos: estímulo (antecedentes), organismo (variáveis processuais socioambientais) e resposta final (resultados) (Folkman, 1984). Só se pode falar na existência de estresse quando os estressores demandam além da capacidade adaptativa, aí surgiria reações de proteção (Lazarus, 1993). A maioria das ações cotidianas, já consolidadas nos processos cognitivos do estilo de vida da pessoa, não necessariamente envolvem estresse, logo, nem todas as experiências são estressoras (como na teoria da resposta), nem todos os estressores tem capacidade nata de produzir estresse (como na teoria do estímulo). Só quando os estímulos são percebidos como ameaça, desafio, dano e prejuízo, que pode se desencadear o estresse, sempre no campo da possibilidade, pois são as diferenças individuais que determinaram como o sujeito irá reagir.

As diferenças individuais como centro do processo de estresse subsidiaram amplas investigações sobre o porquê de alguns indivíduos serem mais vulneráveis à ação de estressores do que outros sujeitos. Essas diferenças foram inseridas como modelo base para explicar a suscetibilidade ao estresse em duas condições: diretamente, por vulnerabilidade adquirida ou inata, ou indiretamente, por meio de preditores e mediadores da relação o estressor-avaliação-resposta. Essa última condição é que se revelou como mais promissora para os estudos, pois se é possível influenciar o processo em meio aos seus elementos causais ou mesmo alterar os fatores que transmitem os efeitos do estímulo estressor. Supera-se o momento teórico fundado em respostas reflexas e o determinismo ambiental, e o estímulo e resposta passam a ser elementos parciais no processo, pois o complexo causal é determinado pela particular interação entre ambiente, percepção do estresse, *status* organismo e tempo de exposição.

A realidade psicossocial e recursos psicológicos (*coping*), a percepção de controlabilidade e o suporte social passam a compor o saber sobre o estresse (Bolger & Amarel, 2007; Eaton & Bradley, 2008; Jones et al., 2007; Leicht, 2008; Lazarus & Folkman, 1984). Não há de falar que a perspectiva cognitiva se sobrepõe as duas primeiras teorias de estresse, apenas que se constitui de outro regime de verdade. Percebe-se o deslocamento de posições dos elementos que constituem o saber sobre o estresse, à medida que se opera o esquecimento ideológico, a formações imaginária, ideológica e discursiva, o assujeitamento ideológico do

sujeito imerso no contexto amplo das condições de produção do discurso. São a partir dessas interações que se pode enunciar um saber sobre o estresse, com todos os seus elementos ideológicos que alcançam o mundo do trabalho.

As perspectivas de saber sobre o estresse podem ser compreendidas como enunciados que fazem parte da mesma formação discursiva. O enunciado é o que permite que se diga, se escreva, se materialize o ato de linguagem, o que faz de um simples conjunto de signos, significantes e o significados, uma unidade com sentido, no entanto, não o sentido conferido pelas regras da gramática ou da lógica, mas no que concerne à sua formação na esfera do discurso (Foucault, 1969/2008). As teorias que ditam regime de verdade sobre o estresse perpassam esse jogo do discurso para chegarem ao nível de conhecimento mais difundido no meio social, que é o senso comum. Este último é o principal meio de comunicação do regime de verdade ao social, pelo seu mecanismo veloz e intenso de dispersão de enunciar discursos.

Ao se analisar os enunciados sobre o estresse, por meio da Análise do Discurso, passa-se a verificar a sua emergência enquanto acontecimento, que estar conectado a outros sistemas de enunciados (conhecimento científico, filosófico, religioso, mítico) por meio do sistema de dispersão, pois os enunciados estão dispersos nos discursos e têm seus modos específicos de repartição. Logo, ao se utilizar a Análise do Discurso não se pretende buscar coerência entre os enunciados sobre as teorias do estresse, principalmente devido ao seu sistema de dispersão, mas sim buscar os seus modos de repartição na formação do discurso. Destaca-se que os modos de repartição dos enunciados que se assemelham, pertencem à mesma formação discursiva (Foucault, 1969/2008). É a partir dessa formação discursiva que possibilita os enunciados fazerem sentido, em suas transformações e correlações.

Problema de Pesquisa

Como se dar o discurso sobre o conceito de estresse na pós-modernidade em relação ao trabalho, o tempo de vida para produção e consumo?

Justificativa

Aumentou-se o interesse pelo estudo do estresse desde a virada do século, muito em função das repercussões do estresse no trabalho, na dimensão da saúde e no bem-estar dos trabalhadores (Gomes, 2023; Gonçalves, 2014; Lobo, 2021). Assim, como o impacto negativo do estresse no desempenho dos trabalhadores (Ribeiro et al., 2024), e o aumento dos custos das organizações com problemas de saúde ocupacionais e mentais destes sujeitos (Brito, 2023). Sabe-se que parte desse aumento de interesse se deve as novas dinâmicas no ambiente de trabalho, marcado pela superação da hegemonia do conflito freudiano da sexualidade reprimida/domesticada pela civilização e o indivíduo livre e cheio de impulsos (Freud, 1929a/1996; 1929b/1996), e agora figura também o conflito do consumo: eu só sou, se eu consumir. Se trabalha para consumir, e quem não alcança esse *status*, afasta-se da própria condição da existência na pós-modernidade, um pária em adoecimento (Bauman, 1998), um ser estressado pela sua impossibilidade de consumir, e não mais pela finitude heideggeriana.

A relevância da pesquisa operacionaliza-se ao se identificar que há maior propensão de adoecimento de profissionais em função da saúde mental, em especial em decorrência do estresse, do que sua saúde física, cognitiva ou espiritual (Gracino et al., 2016). Martins e Gonçalves (2019) identificaram que existe elevado desconhecimento dos profissionais, mesmo os trabalhadores da saúde, acerca do fenômeno estresse, o que dificulta a construção de seus mecanismos de defesa. Já Figueiredo et al. (2022) identificaram que o estresse ocupacional é a terceira maior causa de sofrimento psíquico no trabalho, atrás apenas da ansiedade e depressão. Faz-se necessário compreender o que vem a ser determinado estresse, enquanto origem de adoecimento humano, e as possibilidades deste conceito ser usado para o processo de desculpabilização de outros agentes adoecedores que inviabilizariam a manutenção dos AIE.

A relevância da pesquisa se consolida à medida que se analisa a prática discursiva condicionante do estresse a origem de inúmeros transtornos comportamentais, que totalizam 13% do total de enfermidades e atingem 700 milhões de pessoas, pois estes têm associação direta com o diagnóstico de depressão e ansiedade (Oliveira et al., 2019). O custo global estimado das doenças mentais em 2010 e em 2030 representou e representará US\$ 2,5 trilhões e US\$ 6 trilhões, respectivamente, e a Organização Mundial de Saúde (OMS), cerca de 450 milhões de pessoas no mundo sofrem de transtornos psiquiátricos (Rocha & Paprocki, 2015), que estão associados ao discurso de estresse que na pós-modernidade advém do regime de verdade que sustenta a precarização do trabalho e o culto à performance.

Em relação aos aspectos de inovação e contribuição da pesquisa, tem-se que o discurso sobre o estresse na pós-modernidade estar a serviço da naturalização dos estressores adoecedores, para justificar a precarização do trabalho, o culto à performance e a captura do tempo de vida para produção e consumo. Silva (2019) aponta que o contexto laboral a marca o mal-estar experienciado pelos trabalhadores, decorrente da lógica de produção capitalista. Em seu estudo, os transtornos mentais são a terceira maior

causa de afastamento do trabalho na realidade brasileira, contudo, à legislação trabalhista deu pouco atenção a esse aspecto, o que gera o processo de naturalização mencionado. O estresse é uma condição adoecedora produzida socio historicamente, com a impossibilidade de ser reduzida por análises superficiais que se centram no indivíduo e/ou nas organizações, em detrimento da compreensão da construção da sua prática discursiva com seu regime de verdade específico.

Especificamente em relação a captura do tempo e o culto a performance, a pesquisa ressalta que o modo de captura do tempo estar em uma nova organização, que Bauman (1998) chama de modernidade líquida (termo equivalente a pós-modernidade). O conceito baumaniano diz que se vive a passagem do tempo sem forma cíclica ou linear, dissipado na infinidade de momentos episódicos, fechados e curtos, frouxamente interligados em sucessão caótica. Esse tempo de liquidez traz a percepção de infinitas oportunidades que são imprevisíveis e incontroláveis, que imperam em todas as dimensões da vida, principalmente no trabalho. É necessário estar em vigia sem trégua, eterna fase de alerta do estresse de Selye (1965/1956). Isso gera ansiedade e a sensação de se ter perdido algo, pois não importa o quanto se tente, nunca se estar em dia com o que aparentemente é oferecido pela cadeia de consumo e exigido na cadeia de produção. Bauman (1998) afirma que se vive o tempo em que se estar constantemente a correr atrás. O que ninguém sabe é a correr atrás de quê.

Objetivo

Geral

Compreender como se constrói o discurso sobre o conceito de estresse na pós-modernidade na relação com o trabalho, na captura do tempo de vida a produção e ao consumo.

Específicos

Descrever por meio da Análise do Discurso a construção do conceito de estresse.

Relacionar a atual discursividade sobre o conceito de estresse e pós-modernidade.

Descrever como a dinâmica de discursividade do estresse na pós-modernidade afeta as relações de trabalho.

Analisar como a dinâmica de discursividade do estresse na pós-modernidade afeta a ideia de performance, tempo de vida a produção e consumo.

Método

Se utilizará como método a Análise do Discurso estruturado a partir da arqueologia e genealogia de Foucault (1969/2008; 1979/2001) e da sistematização do método por Orlandi (2005). Opta-se por essa perspectiva método de pesquisa em função de ser adequado a compreensão dos inúmeros acontecimentos discursivos, que ao serem analisados em unidade permitem se alcançar o espaço do discurso. Como descrito por Foucault (1994/2006) a Análise do Discurso apoiada na arqueologia/genealogia não se pretende o método universal, mas sim específicos para fazer aparecer a interface do saber e do poder, da verdade e do poder.

Etapas da Pesquisa

Revisão de Literatura

Se realizará revisão de literatura para se conseguir a localização e construção da Rede Documental de Pesquisa (RDP), que será submetida a Análise do Discurso. A RDP

é o elemento base que conterà enunciados em dispersão sobre o discurso sobre o estresse, logo, tem-se a necessidade de produzi-la com fontes especializada nessa formação discursiva, para se ter o alargamento, a análise de descontinuidade no que concerne à fabricação discursiva de diferentes modos de regimes de verdade sobre o estresse.

Fontes de Dados de Pesquisa

A principal fonte de dados para a composição da RDP será os periódicos especializados em estresse na perspectiva da teoria da resposta, estímulo e cognitiva. Pretende-se analisar também a literatura cinza (dissertações, livros, capítulos, material de conferências, artigos de opinião, comentários, resenhas, arquivos institucionais e relatórios) – que são produções em todos os níveis do governo, institutos, academias, empresas e indústria, em formato impresso e eletrônico, mas que não é controlado por editores científicos ou comerciais – como auxiliar nesse processo, em função de conter evidências anedóticas baseadas em estudos primários que distorcem os resultados encontrados nas pesquisas por eventual ausência da revisão por pares.

Aspectos Éticos da Pesquisa

Segue-se a Resolução 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde - CNS - (CNS, 2016) e os princípios de autonomia, não maleficência, beneficência e justiça decorrente do Relatório Belmont (Beauchamp, 2008). A esta Resolução isenta no campo das Ciências Humanas e Sociais, pesquisas em que se utilize informações de acesso público, nos termos da Lei nº 12.527 – Lei de acesso à Informação – (2011); informações de domínio público; com bancos de dados, cujas informações são agregadas, sem possibilidade de identificação individual; e realizada exclusivamente com textos científicos para revisão da literatura científica. Qualquer protocolo desenvolvido durante a pesquisa, será submetido a revisão por pares, para garantir os aspectos éticos.

Crítérios de Seleção

Os Critérios de Inclusão (CI) de estudos dos periódicos especializados serão: ano de publicação; tipo de estudo; idioma; formato artigo – digital ou físico; acesso completo ao estudo publicado por meio do sistema CAFe (Comunidade Acadêmica Federada); responder à pergunta de pesquisa.

CI-1: Recorte Temporal da RDP. O marco temporal inicial será 2020, quando se inicia a pandemia de Covid-19 e reconfigura a dinâmica da precariedade do trabalho, culto a performance, produção e consumo. Conforme Foucault (1969/2008), não é preciso remeter o discurso à longínqua presença da origem, mas sim, tratá-lo no jogo de sua instância discursiva. Esse critério será aplicado para os periódicos especializados.

CI-2: Tipo de Estudo da Composição do RDP. Os tipos de estudos incluídos serão as pesquisas primárias de estudo de caso, etnográficos, observacionais (*coorte* e caso-controle), clínicos e transversais, tanto na perspectiva qualitativa como quantitativa, a fim de abranger o máximo de perspectiva de trabalho com o conceito de estresse pelos periódicos especializados. Em relação aos arquivos, serão analisadas todas as modalidades disponíveis e úteis a pesquisa.

CI-3: Tipo de Idioma da Composição do RDP. Inicialmente o idioma de escrita dos artigos a serem selecionados serão o português, espanhol e inglês com o objetivo de reunir o maior número possível de estudos. Posteriormente, se as análises indicarem a

necessidade de ampliação para outros idiomas, se realizará ajustes nesse tópico de inclusão.

CI-4: Tipo formato dos Documentos de Composição do RDP. Serão incluídas somente pesquisa publicada em formato de artigo devido as revistas especializadas conseguirem condensar as informações achadas por meio desse formato, o que facilita a análise. No que concerne aos artigos, optou-se pela busca por meio do sistema CAFe, em razão ter oferecido acesso completo às principais bases de dados do mundo, o que ampliou o campo de busca e a qualidade dela. As bases de dados eletrônicas serão *APA PsycNet (American Psychological Association)*, *Web of Science (Clarivate Analytics)*, *Scopus (Elsevier)*, *PubMed*, *Oxford Journals (Oxford University Press)* e *ScienceDirect (Elsevier)*.

CI-5: Coerência dos Documentos de Composição do RDP. Os artigos recuperados nas bases de dados terão como resultados o desfecho ou relatório que descreveram como enunciados e suas formações discursivas sobre a teoria do estresse são utilizados para explicar a realidade pesquisada.

Instrumentos e Materiais

Se utilizará o *software Mendeley*, após a aplicação dos critérios de seleção para o para eliminar artigos duplicados e gerenciar referências. Será produzida uma tabela de extração de dados no *Microsoft Excel* e no *SRDRPlus (Systematic Review Data Repository)* da *Agency for Healthcare Research and Quality*, a qual é extremamente útil na extração, gerenciamento e arquivamento de dados online durante as revisões.

Procedimento de Análise de Dados

De posse da amostra provisória da RDP, com manuscritos completos, se aplicará as etapas da Análise do Discurso estruturada a partir da arqueologia e genealogia, com as seguintes etapas:

Elementos da Continuidade das Regularidades Discursivas

Consistirá em identificar as noções que viabilizam o tema da continuidade discursiva em seu regime de verdade, constituído pelo discurso presente na pós-modernidade, com os seguintes elementos:

Noção de tradição: identificar-se-á o caminho que se dá a importância temporal singular atribuída ao conjunto de fenômenos, ao mesmo tempo sucessivos e idênticos (ou, pelo menos, análogos); que viabiliza repensar a dispersão da história na forma desse conjunto; autoriza reduzir a diferença característica de qualquer começo, para retroceder, sem interrupção, na atribuição indefinida da origem.

Noção de influência: identificar-se-á o caminho que se dá aos fatos de transmissão e de comunicação; que atribui a um processo de andamento causal (mas sem delimitação rigorosa nem definição teórica) os fenômenos de semelhança ou de repetição; que liga, a distância e por meio do tempo - como por intermédio de um meio de propagação -, unidades definidas como indivíduos, obras, noções ou teorias.

Noções de desenvolvimento e de evolução: identificar-se-á o caminho que se dá o reagrupamento da sucessão de acontecimentos dispersos; a relação a um mesmo princípio organizador; a submissão ao poder exemplar da vida (com seus jogos de adaptação, sua capacidade de inovação, a incessante correlação de seus diferentes

elementos, seus sistemas de assimilação e de trocas); a descoberta do princípio de coerência e o esboço de unidade futura; controle do tempo por relação continuamente reversível entre a origem e o termo jamais determinados, sempre atuantes.

Noções de "mentalidade" ou de "espírito": identificar-se-á o caminho que se dá o estabelecimento entre os fenômenos simultâneos ou sucessivos de determinada época, a conjunto de sentidos, ligações simbólicas, o jogo de semelhança e de espelho - ou que faz surgir, como princípio de unidade e de explicação, a soberania de consciência coletiva sobre o discurso.

Análise da Descontinuidade

A descontinuidade serve como instrumento e objeto de pesquisa, ao delimitar o campo do efeito do discurso e permitir individualizar e comparar domínios. Busca-se identificar o deslocamento do descontínuo: sua passagem do obstáculo à prática; sua integração no discurso do historiador, no qual não desempenha mais o papel de uma fatalidade exterior que é preciso reduzir, e sim o de um conceito operatório que se utiliza; por isso, a inversão de signos graças à qual ele não é mais o negativo da leitura histórica (seu avesso, seu fracasso, o limite de seu poder), mas o elemento positivo que determina seu objeto e valida sua análise.

Construção de Séries

Buscar-se-á identificar os sistemas de séries enunciativas, que pressupõe: definir para cada discurso seus elementos, fixar-lhes os limites, descobrir o tipo de relações que lhe é específico, lhes formular a lei e, além disso, descrever as relações entre as diferentes séries, para constituir, assim, séries de séries, ou "quadros".

Análise das Formações Discursivas e Enunciados

Refere-se à análise da utilização dos termos enunciado, acontecimento e discurso. Se analisará as quatro propriedades da função enunciativa propostas por Foucault (1969/2008).

O Referencial: analisar-se-á a relação do enunciado com seu referencial, a partir das leis de existência que possibilitam o primeiro, e que lhe dão condições de emergência.

O Sujeito: compreendendo que o sujeito não é uma pessoa, mas sim vazio a ser ocupado, uma função que pode ser assumida por diferentes indivíduos. Analisar-se-á quem assumiu ao longo da história o lugar de sujeito do estresse.

O Domínio Associado: analisar-se-á o estabelecimento das relações com os outros enunciados que estão em suas margens, para se identificar as diversas formulações, em que os enunciados se repetem, se transformam, se atualizam, se adaptam, multiplicam unidades significativas, visto que não existe enunciado autônomo, eles estão sempre imbricados em séries enunciativas.

A Materialidade: analisar-se-á a escrita, fala, os atos de linguagem, a partir do conjunto de signos, com a sua localização espacial e temporal.

A Sistematização do Análise do Discurso de Orlandi

Em todas as etapas de análise do discurso na perspectiva da arqueologia e genealogia, se utilizará elementos da sistematização da Análise do Discurso feita por Orlandi (2005), com o objetivo de buscar fatores extralinguístico do discurso que auxilie na compreensão de sua constituição, como: a opacidade significativa, texto, prática discursiva, condição de produção, formação imaginária, formação ideológica, formação

discursiva, interdiscursividade, intradiscursividade, esquecimento ideológico, esquecimento enunciativo, ideologias, polissemia, paráfrase assujeitamento ideológico. Esses elementos reforçam que o conceito e o discurso não se reduzem a semântica, sintaxe e gramática, e com isso, alcança o nível do discurso.

Da sociedade moderna da disciplina à sociedade pós-moderna do desempenho

Ao término do século XX e início do XXI, acreditava-se que a árdua disputa política-ideológica-econômica entre o capitalismo e socialismo, constrói-se o imaginário de que a fragmentação das grandes instituições corporativas, subsidiariam relações pessoais diretas, baseadas em confiança e solidariedade, onde as pessoas seriam mais sensíveis às necessidades umas das outras. Sennett (2006) compreende que estes pressupostos não se concretizaram. A fragmentação desestruturou a vida de trabalhadores e seus núcleos familiares. A vida familiar tornou-se confusa pelas demandas laborais e a migração é o símbolo da era global, onde a prioridade é seguir em frente em vez de se estabelecer. Não se aumentou o senso de comunidade. Mas aumentou-se o nível de riqueza no Norte global quanto na Ásia e na América Latina, ligada à desconstrução de burocracias governamentais e corporativas rígidas.

Contudo, esse crescimento tem gerado significativas desigualdades econômicas e instabilidade social (Sennett, 2006). A expansão econômica em si, era inevitável e necessária. Quando analisamos o efeito dela na cultura, destaca-se a pergunta fundamental: quais os valores e práticas capazes de manter as pessoas unidas quando as instituições em que vivem se fragmentam? Conforme Sennett (2006) a resposta concentra-se em se ter um ser humano capaz de prosperar em condições sociais instáveis e fragmentárias. Este homem ou mulher ideal tem de enfrentar três desafios: tempo, talento e o desapego.

O tempo refere-se a primazia do curto prazo no cuidado das relações e de si mesmo, pois chegamos ao ponto de estarmos o tempo todo na migração de uma tarefa a outra, de um emprego a outro, de um lugar a outro. Desenvolvemos a fantasia, em termos freudianos, de que estarmos sempre em movimento está associada à produtividade, tanto para os outros quanto para nós mesmos, como a base de sobrevivência em um mundo no qual o valor da pessoa é medido pelo nível de produtividade agregado ao seu capital humano. Sennett (2006) ressalta que, sem instituições que ofereçam estabilidade a longo prazo, o indivíduo pode ser obrigado a criar a narrativa da sua própria vida de forma improvisada, possivelmente com enfrentamento da ausência do sentimento da continuidade de identidade pessoal.

Essa identidade pessoal é forçosamente fundida no “espírito das organizações”, constituído na primazia do curto prazo. Aprende-se que não existe mais planejamento estratégico para cinco ou dez anos, reuniões para se pensar o que vai acontecer, para onde os rumos do negócio irão se direcionar, pois as coisas mudam a todo momento. O ser humano é impactado por isso. Muitas vezes, já não existe mais o trajeto da historicidade, que é elemento fundante do ser humano. O tempo e a contemplação, que eram aspectos da vida que davam certo respiro já não existem mais, e isso impacta direto nos processos de subjetividades. As organizações pensam as pessoas como máquinas em pleno funcionamento. Contudo, quando se olha de perto essas mesmas pessoas, são apenas

calhambeques, que levam tempo para se adaptar as mudanças. Tempo esse que não lhe é dado.

A primazia do curto prazo é a constante da pós-modernidade que introduz a compreensão do segundo elemento das relações de trabalho do sistema neoliberal, que é o talento. Compreendido como a necessidade de desenvolver novas capacidades potenciais, à medida que vão mudando as exigências da realidade (Sennett, 2006). É diminuída a longevidade das qualificações profissionais, em que se excluiu o princípio de aprender a fazer bem apenas uma coisa, pois é economicamente inviável e isso estigmatiza o sujeito como improdutivo. O talento também é questão fundante da cultura meritocrática, que cresce cada vez mais em detrimento do coletivo. O curso universitário que se fez e as competências que a organização desenvolveu, se já não são mais úteis ao mercado, precisam ser deixadas de lado e o sujeito precisa ter a capacidade de consolidar outros talentos, mesmo que os antigos tenham produzidos grandes benefícios sociais.

Quando o sujeito acredita que estar pronto para performar em alto nível no mundo do trabalho, é repetidamente soterrado pelas necessidades do mercado neoliberal. É constante o sentimento de se estar atrasado, pois aquilo que se sabia já não serve mais. Assim, como é preciso aprender coisas novas a todo tempo, na velocidade em que isso é imposto. Inicia-se o autoquestionamento do sujeito da dimensão de sua validade e utilidade para desempenhar a sua atividade laboral. Instaura-se a sensação de insegurança, que pode desencadear o sofrimento psíquico.

Na tentativa de construir mecanismo de defesa contra o sofrimento psíquico que pode advir da percepção de improdutividade, Sennett (2006) destaca o terceiro ponto da sociedade da produtividade cansada, que é a presentificação. Esse conceito é mais bem compreendido se substituirmos presentificação por desapego, pois não se deve ter mais apego duradouro a muitos aspectos da vida no neoliberalismo, uma vez que aquilo (qualidades profissionais, pessoais, bens materiais e imateriais) que achávamos que nos colocava na condição de produtividade e de visibilidade frente aos demais, já não serve mais para manter tal *status quo*. Quanto mais rápido se desapega desses elementos que no passado nos proporcionou algum benefício de produtividade, e se lança em busca de novos elementos, melhor se é percebido na dinâmica de produção liberal.

É a normatividade da constante necessidade de inovar o novo, o recente o criado. Tem-se que renunciar a elementos como a historicidade do sujeito, que de certo modo dá contornos a própria constituição de si. Isso se agrava com as diretrizes de mercado que buscam constituir organizações cada vez mais enxutas em termos de trabalhadores, com prazos mais reduzidos e a exigência do mesmo nível de produtividade. O que resta ao trabalhador é inserir-se nesse modo de produção, e consolidar o paradigma da pós-modernidade em relação a modernidade: saímos da sociedade moderna da disciplina, para chegarmos à sociedade pós-moderna do desempenho (Han, 2024).

Os conceitos de disciplina, vigilância e punição de Foucault (1979/2001), descrevem minuciosamente o funcionamento basal dos modos de produção, consumo e de viver no século XX, o período da modernidade. Contudo, outros elementos foram forjados no século XXI para explicar a crescente complexidade das relações de poder e processos de subjetivação na pós-modernidade. Antes tínhamos o primado da disciplina, por meio do ponto eletrônico que controlava entrada e saída das pessoas, gerentes nas

fábricas monitorando que era feito pelo trabalhador, hierarquias bem definidas nas organizações, e nos modelos de educação marcados pela dinâmica panóptica. Tudo se pautava no tempo, no relógio cronológico de disciplina. A ênfase do modelo foucaultiano, em relação a quem imprime o controle pela disciplina, estar em organizações e entidades externas ao sujeito, que modelam os corpos individualmente para ser mais efetiva.

Há uma divisão muito clara no tempo e no controle pela disciplina em relação ao mundo do trabalho, em que ao sair do espaço laboral e retornar a vida privada, não se precisava mais se submeter ao processo de docilização que a fábrica impunha, e de certo modo poderia ser livre sem culpa por algumas horas. Livres até a primeira hora da jornada de trabalho do dia seguinte, e assim sucessivamente. Esse cenário perde força na transição do século XX ao XXI, pois não se tem mais os limites bem estabelecidos entre o mundo do trabalho e a vida privada, elimina-se o ponto eletrônico e a vigilância constante para se produzir mais, pois essa necessidade se esfalece na mesma velocidade que passamos a trazer o trabalho para casa, seja por *home office* ou pelas novas formas de teletrabalho (Han, 2024). Não se precisa de agente externo que nos vigie para produzirmos mais, nós nos tornamo-nos o nosso próprio panóptico para que pudéssemos desempenhar melhor nossa produção.

O neoliberalismo fortaleceu esse discurso de desempenhar melhor a partir da autogerência e autopanóptico ao subsidiar o imaginário de que os contratos de trabalho são tão frágeis e voláteis, que não se pode mais se ver restritamente como a figura do empregado, mas precisa-se ser empresário de si para manter o mínimo de sobrevivência no mundo do trabalho. Aí se consolida a sociedade do desempenho, no qual é simbolizado pelo jogo de palavras: “tu deves” (organizações externas disciplinando) é substituído por “Eu posso” (o autopanóptico) (Han, 2024). Empréstado o termo da psicopatologia, surge aí a síndrome do “basta eu me esforçar que eu chego lá”, o mérito volta a sua primazia no modo de produção. Ao analisarmos o efeito psíquico dessa dinâmica neoliberal, percebe-se que há a confusão entre o conceito de liberdade e coação, esta última de forma interna, ou seja, do próprio sujeito para com ele, pois o tempo livre que antes era destinado a fazer qualquer coisa que não estava ligado ao trabalho (liberdade), agora deve ser útil para a aprimoração em algo, predominantemente com resultados que aumente a performance no trabalho (coação de utilidade).

Se antes tínhamos a duração do tempo, o relógio, como principal tecnologia de identificação do controle, na sociedade do desempenho temos as métricas de desempenho, pois até no sono tem-se mecanismo para performa-se melhor ao dormir para quando acordamos sermos mais produtivos em nossas atividades laborais. Até dormindo, temos que desempenhar melhor. O simples ato de beber água pode ser melhorado com os *smartwatches* e garrafas que já tem os horários certos de ingerir líquidos. São os aspectos do consumo que fortalecem o discurso do desempenho. O aspecto cultural também reforça essa dinâmica ao entender que se o sujeito opta em utilizar seu tempo livre para a contemplação, em vez de trabalhar em si ou em alguma das dimensões da cadeia produtiva, é tido como tomada de decisão deficitária e não nobre, um sujeito não útil.

Na busca constante de sermos vistos como úteis, produtivos e exemplo de desempenho, abandonamos qualquer perspectiva de vida contemplativa, porque o ócio tem que ser produtivo. Como consequência psíquica disso temos a desconexão com os

outros e com a vida, e com isso se perde o aroma do tempo e das coisas da vida, pois estamos sempre no modo ativo de produção e consumo (Han, 2024). Quem estar a se produzir o tempo todo, não se conecta consigo e com seu redor, pois ver-se a natureza, familiares e emoções, mas se não é percebido utilidades nessas dimensões da vida, não se destina tempo a elas. Para que se tenha conexão com algo ou alguém é necessário tempo da contemplação, pois é tempo investido no objeto que pode proporcionar o vínculo. A vida ativa se constitui com o filtro da utilidade, o que não proporciona o mínimo vislumbre de utilidade, não é digno de dedicação do tempo do sujeito. Essa é lógica da produtividade neoliberal, muito mais potente que a lógica de controle e produção da sociedade da disciplina, porque aqui é o sujeito que se explora até se exaurir.

Na sociedade do desempenho tem-se o ideal do desempenho de nunca parar, mesmo que se chegue à exaustão física, emocional e mental decorrente do estresse excessivo. Para Han (2024) o excesso de elevação do desempenho leva ao infarto da alma, que sedimenta a extinção de conexão com o outro, assim tem-se a principal consequência psíquica na dimensão dos afetos. Mbembe (2022) em seu diagnóstico do sistema neoliberal, que ele denomina momento de crise da modernidade, que é a descrença nas metanarrativas, pós-modernidade para Lyotard (1979/2009) e Bauman (1997/1998), esse sistema econômico começa a controlar o modo como os afetos no trabalho se desenvolvem, principalmente, com o Consenso de Washington (Batista, 1994) no final de 1980, em que se consolidaram os seguintes princípios na vida do trabalho: reforma tributária e fiscal, desestatização, desregulamentação das relações de trabalho para que o trabalhador seja mais produtivo, produção e rapidez para acumular.

No neoliberalismo todas as dimensões da vida estão marcadas pelo capital, que é a medula espinhal desse sistema (Noguera, 2020). Mercadoria e força de trabalho não mais se organizam pelo binômio valor de troca e valor de uso, mas agora apenas pelo valor de uso, pois desistimos de nos conectarmos com os processos de constituição do que se consome, para nos fixarmos na cadeia de valor que o uso daqueles dois elementos pode gerar para o aumento de performar-se de vida. Essa dinâmica denomina-se o que Marx (1982/2008) conceitua como alienação, mas que no neoliberalismo pode melhor ser chamado de fetiche. Esse elemento freudiano nos remete a substituição do objeto do desejo, que de certo modo é socialmente e psiquicamente proibido, ao passo que ao se comprar a mercadoria, que tem o seu valor de uso para além do custo e lucro razoável, o sujeito comprador consegue se autoafirmar na figura que o neoliberalismo construiu como ideal, que é o ser humano que performa em seu máximo.

O fetiche é o modulador dos processos de subjetividade neoliberal, pois ele vai ditar o valor que o sujeito possui e os impactos que o valor de uso pode agregar (Noguera, 2020). Isso é possível à medida que ao se comprar determinadas bens de consumo demonstra-se ao meio social, em geral aos mais próximos, que o nível de performance é alto e lhe gera o capital que lhe permite consumir no padrão que não importa o valor ou função essencial do bem, mas o seu valor de uso, que é o mecanismo de alocação do comprador em determinado estrato social. É nesse sentido que o fetiche neoliberal faz com que o trabalhador module seus afetos vinculados a produção e consumo, pois por meio deles se consegue preencher, a grosso modo, a necessidade de ser visto, percebido

e amado a medida que o desempenho e a produtividade, que é o que permite o consumo, são admirados pelo social.

Uma vez que tudo se transformou em potencial fonte de capitalização, o capital se tornou mundo, a alucinação de proporções planetárias, que gera em escala ampliada sujeitos que são, ao mesmo tempo, calculistas, fictícios e delirantes (Mbembe, 2022). O capital transformou-se em nossa infraestrutura comum, nosso sistema nervoso e a força que delinea o mapa do nosso mundo e seus limites psicofísicos. Na dinâmica do fetiche observamos cada vez menos aquilo que nos é apresentado e cada vez mais aquilo que desejamos ver a todo custo, mesmo que esse desejo não corresponda a nenhuma realidade original. Mbembe (2022) destaca que mais do que antes, outros passam a se oferecer a nós em uma presença física e tátil concreta, enquanto permanece numa ausência espectral e num vazio não menos concreto, pois não conseguimos mais nos conectar com aquilo que não nos ajude a performar melhor.

O sistema liberal de culto a performance, produção e consumo se produz e reproduz à medida que aprimora a obsolescência programada (Román Fuentes, 2021), o tornar obsoleto em curto espaço de tempo para se vender mais, agora não se tem mais algo programado a mercadoria, mas sim ao sujeito que compra a mercadoria, com a objetificação de si. Cada vez mais nos autos objetificamos, cada vez mais temos a percepção que estamos obsoletos, que precisamos evoluir, melhorar, nos aprimorar para que se possa se sentir parte de algo. Gera-se aí o mercado dos afetos frente todas as dimensões da vida, em especial o trabalho. Em certa contraposição ao que Smith (1759/2015) destaca como *self love*, o amor por si e pelo coletivo, Mandeville (2018) salienta que surge na arquitetura da moral liberal o principado dos vícios privados que fazem bem à vida pública e coletiva, e as virtudes levam a cidade a ruínas.

Pode-se dizer que nessa lógica neoliberal, tem elevada estima pela individualidade por ela ser produtiva, e ao mesmo tempo tem sua relação com a competição e concorrência, o que levaria ao avanço, enquanto o excesso de humildade e virtudes não competitivas leva a estagnação a obsolescência de si. Aqui se sedimenta a sociedade da produtividade e performance individual. Não é mais necessário o sujeito se importar com outro, se não lhe proporcionar maiores vantagens. Isso permite sobre-erguer a impressão de liberdade, pois tem-se mais possibilidade de se ter mais tempo para concorrer por mais recurso e mais experiências, sem necessariamente se conectar, pois a conexão exige tempo de contemplação, e isso não é algo desejável na dinâmica neoliberal. A experimentação do tempo é uma virtude que pode levar a cidade a ruína.

São essas características da sociedade pós-moderna que possibilitou a transição da sociedade moderna da disciplina à sociedade pós-moderna do desempenho, na qual predomina o neoliberalismo dos afetos. Temos a oportunidade de escolher algo diferente da opressão da disciplina, mas em última instância escolhemos a mesma coisa, que é produzir sob a égide de uma vigilância, mas agora a vigilância de si, da performance que engloba trabalho, talento e consumo. O neoliberalismo sustenta que essa dinâmica possibilita mais liberdade a sociedade, a liberdade fluida, a modernidade líquida (Bauman, 1997/1998). Contudo, Sennett (2006) alerta que de fato os padrões de consumo e produção mudaram em relação a sociedade foucaultiana da disciplina, mas essas mudanças não libertaram as pessoas da opressão do modo de produção que as controla,

mas construiu o capitalismo afetivo da produtividade de si para se competir em tudo, pois já não existe as divisões de mundo do trabalho e vida doméstica.

Evidencia-se a tecnologia do manejo dessa realidade, que é comunicação, quando nos é solicitado mostrar o que temos de melhor para performar no trabalho e no consumo. Illouz (2011) destaca que a ideia terapêutica de “comunicação” passou a referir-se aos atributos afetivos, linguísticos e pessoais do bom autogerenciamento. Ao mesmo tempo é do campo da episteme foucaultiana de um novo objeto do saber que, por sua vez, gera novos instrumentos e práticas de conhecimento. Ao indagarmos o que as pessoas realmente fazem com esse saber de comunicar-se, de que modo produzem sentidos que funcionam em contextos e esferas sociais diversos, percebemos que serve a um objetivo primordial: culto a performance, produção e consumo.

A vida na sociedade pós-moderna, em síntese, estar organizada com o pano de fundo das exigências de autonomia e performance, no contexto do aumento da demanda psicofarmacológica para superar os limites biopsicossociais do sujeito, que tem como um dos seus indicadores o estresse (Cunha, 2021). Este indicador é ambivalente, pois ao mesmo tempo que pode propiciar bem-estar subjetivo, por outro lado, os excessos ou a banalidade de sua presença podem tornar opacas as fronteiras entre o normal e o patológico. Sua atuação irá depender do modo de como o sujeito, linguagem, história e discurso estão imersos na ideologia constituinte do estresse. Isso será trabalhado ao longo desta pesquisa.

Referência

- Althusser, L. (2015). *Por Marx* (M. L. F. R. Loureiro, Trans.). Editora da Unicamp. (Original publicado em 1965).
- Althusser, L. (1980). *Aparelhos ideológicos de Estado* (J. J. de M. Ramos, Trans.). Editorial Presença. (Original publicado em 1970).
- Batista, P.N. (1994). Ou o consenso de Washington. *A visão neoliberal dos problemas latino-americanos*. <https://professor.pucgoias.edu.br/sitedocente/admin/arquivosUpload/17973/material/Consenso%20de%20Washington.pdf>
- Bakhtin, M. M. (1997). *Estética da criação verbal* (M. E. G. G. Pereira, Trans.; 2ed.). Martins Fontes. (Original publicado em 1979).
- Bauman, Z. (1998). *O mal-estar da pós-modernidade* (M. Gama & C. M. Gama, Trans.; 2ed.). Jorge Zahar. (Original publicado em 1997).
- Beauchamp, T. L. (2008). The belmont report. *The Oxford textbook of clinical research ethics*, 149-155. <https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=gvRzB3ZVongC&oi=fnd&pg=PA149&dq=The+Belmont+Report&ots=ZYVrRiqyHg&sig=atsn6wJ9BlcUksWrIggdhgemHH8#v=onepage&q=The%20Belmont%20Report&f=false>
- Berth, J. (2023). *Se a cidade fosse nossa: racismo, falocentrismo, e opressões na cidade*. Paz e Terra.
- Bolger, N., & Amarel, D. (2007). Effects of social support visibility on adjustment to stress: experimental evidence. *Journal of personality and social psychology*, 92(3), 458. <https://psycnet.apa.org/buy/2007-02840-006>

- Bolognesi, R. Escola e sociedade: análise do discurso althusseriano e de suas apropriações na área educacional brasileira. [Tese de Doutorado, Universidade Estadual de Campinas]. Biblioteca Digital da Unicamp: <https://repositorio.unicamp.br/Acervo/Detalle/90597>
- Brito, C. C. (2023). *O Estresse dos Profissionais de Saúde em Tempos de COVID-19 e a Atuação das Organizações em Termos de Saúde Ocupacional: Estudos de Caso* [Dissertação de Mestrado, Universidade da Beira Interior, Portugal]. Repositório Digital da UBI: https://ubibliorum.ubi.pt/bitstream/10400.6/13677/1/9724_21631.pdf
- Butler, J. (2020). *Corpos que importam: os limites discursivos do "sexo"* (1ª ed.). N-1 Edições.
- Caregnato, R. C. A., & Mutti, R. (2006). Pesquisa qualitativa: análise de discurso versus análise de conteúdo. *Texto & Contexto-Enfermagem*, 15, 679-684. <https://doi.org/10.1590/S0104-07072006000400017>
- Conselho Nacional de Saúde. (2016). *Resolução nº 510/2016*. Dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais cujos procedimentos metodológicos envolvam a utilização de dados diretamente obtidos com os participantes ou de informações identificáveis ou que possam acarretar riscos maiores do que os existentes na vida cotidiana. <https://www.gov.br/conselho-nacional-de-saude/pt-br/aceso-a-informacao/legislacao/resolucoes/2016/resolucao-no-510.pdf/view>
- Cooper, C. L., & Dewe, P. (2007). *Stress: A brief history*. Wiley-Blackwell.
- Cunha, M. (2021). A banalidade do mal psicofarmacológico em tempos de performance. *Psicologia USP*, 32, e200052. <https://doi.org/10.1590/0103-6564e200052>
- Dejours, C. (2015). *A loucura do trabalho: estudo de psicopatologia do trabalho* (A. I. Paraguay & L. L. Ferreira, Trans., 6ª ed.) Cortez. (Original Publicado em 1980).
- Eaton, R. J., & Bradley, G. (2008). The role of gender and negative affectivity in stressor appraisal and coping selection. *International Journal of Stress Management*, 15(1), 94. <https://psycnet.apa.org/buy/2008-01364-006>
- Faro, A. & Pereira, M. E. (2013). Estresse: Revisão narrativa da evolução conceitual, perspectivas teóricas e metodológicas. *Psicologia, Saúde e Doenças*, 14(1), 78-100.
- Ferreira, A. B. D. H. (2009). *Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa* (4ed.). Editora Positivo.
- Figueiredo, L., Galiza, W., Campos, M. C. C., & Nascimento, D. (2022). Adoecimento psíquico no trabalho. *Revista Estudos e Negócios Academics*, 2(4), 94-100. <https://doi.org/10.58941/26760460/v2.n4.101>
- Folkman, S. (1984). Personal control and stress and coping processes: a theoretical analysis. *Journal of personality and social psychology*, 46(4), 839. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.46.4.839>
- Foucault, M. (1996). *A ordem do discurso* (L. F. de A. Sampaio, Trans.; 3ed.). Edições Loyola. (Original publicado em 1971).
- Foucault, M. (2001). *Microfísica do Poder* (R. Machado, Trans.; 16ed.). Graal. (Original publicado em 1979).

- Foucault, M. (2006). *Ditos e Escritos, volume IV: estratégia, poder-saber* (V. L. A. Ribeiro, Trans.; 2ed.). Forense Universitária. (Original publicado em 1994).
- Foucault, M. (2008). *A arqueologia do saber* (L. F. B. Neves, Trans.; 7ed.). Forense Universitária. (Original publicado em 1969).
- Freud, S. (1996). O futuro de uma ilusão. In *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. (Vol. XXI, pp. 15-71). Imago. (Original publicado em 1929).
- Freud, S. (1996). O futuro de uma ilusão. In *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. (Vol. XXI, pp. 73-148). Imago. (Original publicado em 1929).
- Gomes, J. R. P. F. (2023). *A participação dos sindicatos na regulamentação da modalidade home office no contexto pandêmico e suas implicações na saúde mental do trabalhador*. [Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”]. Repositório Institucional Unesp: <https://repositorio.unesp.br/items/7107544f-020d-41d7-b982-4ea29b2709a3>
- Gonçalves, H. M. E. (2014). *Percepções de saúde, bem-estar e a sua relação com o trabalho* [Tese de Doutorado, Universidade da Beira Interior, Portugal]. Repositório Digital da UBI: <https://ubibliorum.ubi.pt/handle/10400.6/5659>.
- González, M.A.A. (2001). *Stress: Temas em psiconeuroimunoendocrinologia* (2ed). Robe Editorial.
- Gracino, M. E., Zitta, A. L. L., Mangili, O. C., & Massuda, E. M.. (2016). A saúde física e mental do profissional médico: uma revisão sistemática. *Saúde Em Debate*, 40(110), 244–263. <https://doi.org/10.1590/0103-1104201611019>
- Han, B. C. (2024). *Sociedade do cansaço* (E. P. Giachini, Trans.; 12ed.). Editora Vozes Limitada. (Original publicado em 2015).
- Hesíodo. (2012). *Os trabalhos e os dias* (A. R. de Moura, Trans., 22ª ed.). Segesta. (Original publicado em 550-500 a.C.).
- Holmes, T. H., & Rahe, R. H. (1967). A Escala de Avaliação de Reajuste Social. *Journal of Psychosomatic Research*, 11 (2), 213–218. [https://doi.org/10.1016/0022-3999\(67\)90010-4](https://doi.org/10.1016/0022-3999(67)90010-4)
- Illouz, I. (2011). *O amor nos tempos do capitalismo*. Zahar.
- Jones, H. L., Cross Jr, W. E., & DeFour, D. C. (2007). Race-related stress, racial identity attitudes, and mental health among Black women. *Journal of Black Psychology*, 33(2), 208-231. <https://doi.org/10.1177/0095798407299517>
- Lazarus, R. S. & Folkman, S. (1984). *Stress, appraisal, and coping*. Springer.
- Lazarus, R. S. (1993). From psychological stress to the emotions: A history of changing outlooks. *Annual review of psychology*, 44. <https://www.annualreviews.org/content/journals/10.1146/annurev.ps.44.020193.000245>
- Lazarus, R. S. (2006). *Stress and emotion: A new synthesis*. Springer publishing company.
- Leicht, K. T. (2008). Broken down by race and gender? Sociological explanations of new sources of earnings inequality. *Annu. Rev. Sociol*, 34(1), 237-255. <https://doi.org/10.1146/annurev.soc.34.040507.134627>

- Lei de Acesso à Informação. (2011). Regula o acesso a informações previsto no inciso XXXIII do art. 5º, no inciso II do § 3º do art. 37 e no § 2º do art. 216 da Constituição Federal. https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2011/lei/112527.htm
- Lobo, C. S. M. (2021). *Stress Ocupacional, bem-estar e estratégias de coping em Enfermeiros*. [Dissertação de Mestrado, Universidade Católica Portuguesa]. Repositório Institucional da Universidade Católica Portuguesa: <https://repositorio.ucp.pt/handle/10400.14/37946>
- Lyotard, J. F. (2009). *A condição pós-moderna* (R. C. Barbosa, Trans.; 12ed.). José Olympio. (Original publicado em 1979).
- Machado, C. S. (2020). *Estresse e trabalho: aproximações com a psicodinâmica do trabalho*. [Dissertação de Mestrado, Universidade Federal De Goiás]. Biblioteca Digital da UFG: <https://repositorio.bc.ufg.br/teseserver/api/core/bitstreams/00de6e3c-6a7f-4f9e-b3a1-4973b64bf745/content>
- Mandeville, B. de. (2017). *A Fábula das Abelhas ou Vícios Privados, Benefícios Públicos*. Editora Unesp.
- Marx, K. (2008). *Manuscritos econômico-filosóficos*. Biotempo Editorial. (Original publicado em 1982)
- McEwen, B. S. (2008). Central effects of stress hormones in health and disease: Understanding the protective and damaging effects of stress and stress mediators. *European journal of pharmacology*, 583(2-3), 174-185.
- Martins, D. G., & Gonçalves, J. (2019). Estresse ocupacional em profissionais do Serviço de Atendimento Móvel de Urgência (Samu). *Revista Psicologia e Saúde*, 11(3), 3-17. <http://dx.doi.org/10.20435/pssa.v0i0.618>
- Noguera, R. (2020). *Por que amamos: o que os mitos e a filosofia têm a dizer sobre o amor*. HarperCollins.
- Orlandi, E. (2005). *Análise de discurso: princípios & procedimentos*. (12ª ed.). Pontes Editores.
- Oliveira, D. M., Alencar, N. M. B. D. M., Costa, J. P., Fernandes, M. A., Gouveia, M. T. D. O., & Santos, J. D. M. (2019). Afastamento do trabalho por transtornos mentais e comportamentais entre profissionais de enfermagem. *Revista Cuidarte*, 10(2). <https://doi.org/10.15649/cuidarte.v10i2.631>
- Pêcheux, M. (2008). *O discurso: estrutura ou acontecimento* (E. P. Orlandi, Trans.; 5ed.). Pontes Editores. (Original publicado em 1983).
- Ribeiro, A. D. A., Pereira, J. R., & Caneppele, N. R. (2024). Estresse ocupacional no setor bancário: implicações na saúde do trabalhador e na funcionalidade da organização. *Cadernos EBAPE. BR*, 22(2), e2023-0103. <https://doi.org/10.1590/1679-395120230103>
- Román Fuentes, E. P. (2021). *¿ Obsolescencia programada?: hábitat desechable como resultado de una arquitectura neoliberal* [Dissertação de Mestrado, Universidad de Chile]. Repositório acadêmico: <https://repositorio.uchile.cl/handle/2250/181184>

- Rocha, F. L., Hara, C., & Paprocki, J. (2015). Doença mental e estigma. *Revista Médica de Minas Gerais*, 25(4), 590-596. <https://dx.doi.org/10.5935/2238-3182.20150127>
- Santos, A. F. (2010). *Determinantes psicossociais da capacidade adaptativa: Um modelo teórico para o estresse* [Tese de Doutorado, Universidade Federal da Bahia]. Biblioteca Digital da UFS: <https://ri.ufs.br/handle/riufs/1898>
- Saussure, F. de. (2006). *Curso de Linguística Geral* (A. Chelini, J. P. Paes & I. Blikstein, Trans.; 27ed.). Cultrix. (Original publicado em 1916).
- Segerstrom, S. C., & Smith, G. T. (2019). Personality and coping: Individual differences in responses to emotion. *Annual review of psychology*, 70(1), 651-671. <https://doi.org/10.1146/annurev-psych-010418-102917>
- Selye, H. (1965). *Stress: a tensão da vida* (F. Branco, Trans.; 2ed.). Ibrasa. (Original publicado em 1956).
- Sennett, R. (2006). *A cultura do novo capitalismo*. Record.
- Smith, Adam. (2015). *Teoria dos sentimentos morais* (L. Luft., Trans. 2ed.). WMF Martins Fontes. (Original publicado em 1759).
- Sutherland, V. J., & Cooper, C. L. (2006). Stress and the changing nature of work. In *Creating the Productive Workplace* (pp. 109-124). Taylor & Francis.
- Thoits, P. A. (1981). Undesirable life events and psychophysiological distress: A problem of operational confounding. *American Sociological Review*, 97-109. <https://doi.org/10.2307/2095029>
- Ursin, H., & Eriksen, H. R. (2010). Cognitive activation theory of stress (CATS). *Neuroscience & Biobehavioral Reviews*, 34(6), 877-881. <https://doi.org/10.1016/j.neubiorev.2009.03.001>
- Wallace, D., Cooper, N. R., Sel, A., & Russo, R. (2023). The social readjustment rating scale: Updated and modernised. *PLoS One*, 18(12). <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0295943>

DECLARAÇÃO DE DISPONIBILIDADE DE DADOS DA PESQUISA: Todo o conjunto de dados de apoio aos resultados deste estudo foi publicado no próprio artigo.

FINANCIAMENTO

Esta pesquisa não recebeu nenhuma subvenção específica de qualquer agência de financiamento dos setores público, privado ou sem fins lucrativos.

CONTRIBUIÇÃO DOS AUTORES

JPNS: Conceitualização, análise e metodologia. FCSL: Conceitualização, análise e metodologia, orientação.

DECLARAÇÃO DE CONFLITO DE INTERESSE

Os autores declaram não haver conflitos de interesse com a apresentação deste manuscrito.

Este preprint foi submetido sob as seguintes condições:

- Os autores declaram que os necessários Termos de Consentimento Livre e Esclarecido de participantes ou pacientes na pesquisa foram obtidos e estão descritos no manuscrito, quando aplicável.
- Os autores declaram que a elaboração do manuscrito seguiu as normas éticas de comunicação científica.
- Os autores declaram que estão cientes que são os únicos responsáveis pelo conteúdo do preprint e que o depósito no SciELO Preprints não significa nenhum compromisso de parte do SciELO, exceto sua preservação e disseminação.
- Os autores declaram que os dados, aplicativos e outros conteúdos subjacentes ao manuscrito estão referenciados.
- O manuscrito depositado está no formato PDF.
- Os autores declaram que a pesquisa que deu origem ao manuscrito seguiu as boas práticas éticas e que as necessárias aprovações de comitês de ética de pesquisa, quando aplicável, estão descritas no manuscrito.
- Os autores declaram que uma vez que um manuscrito é postado no servidor SciELO Preprints, o mesmo só poderá ser retirado mediante pedido à Secretaria Editorial do SciELO Preprints, que afixará um aviso de retratação no seu lugar.
- Os autores concordam que o manuscrito aprovado será disponibilizado sob licença [Creative Commons CC-BY](#).
- O autor submissor declara que as contribuições de todos os autores e declaração de conflito de interesses estão incluídas de maneira explícita e em seções específicas do manuscrito.
- Os autores declaram que o manuscrito não foi depositado e/ou disponibilizado previamente em outro servidor de preprints ou publicado em um periódico.
- Caso o manuscrito esteja em processo de avaliação ou sendo preparado para publicação mas ainda não publicado por um periódico, os autores declaram que receberam autorização do periódico para realizar este depósito.
- O autor submissor declara que todos os autores do manuscrito concordam com a submissão ao SciELO Preprints.